

# OCORRÊNCIAS DE MARCAS DE PONTUAÇÃO EM MANUSCRITOS ESCOLARES DE ALUNOS RECÉM-ALFABETIZADOS: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DUPLAS BRASILEIRA E FRANCESA

**EDUARDO CALIL<sup>1</sup>**  
**KALL ANNE AMORIM<sup>2</sup>**  
**CRISTINA FELIPETO<sup>3</sup>**

## RESUMO

Há poucos estudos comparativos sobre ocorrências de marcas de pontuação (MP) em narrativas ficcionais escritas por alunos de diferentes países. Este trabalho pretende identificar as MP inscritas em manuscritos escolares do Brasil (MBR) e da França (MFR), escritos por alunos de 6 anos de idade, com o objetivo de descrever semelhanças e diferenças em suas ocorrências. A escola BR adotava uma proposta didático-curricular construtivista. A escola FR adotava materiais e práticas de ensino baseadas no método fônico. Ambas as professoras seguiram o mesmo protocolo didático, solicitando para todos os seus respectivos alunos, organizados em duplas, a produção de histórias inventadas. Foram recolhidos os manuscritos de seis propostas de cada dupla e selecionados para análise os manuscritos de uma única dupla de cada país. Foram observados nos 12 manuscritos: a) relação entre quantidade de palavras e quantidade de MP; b) tipos e posições das MP. Nos MBR, ocorreram

- 1 Professor Titular do Curso de Educação da Universidade Federal de Alagoas (CEDU/UFAL) – AL, calil@cedu.ufal.br.
- 2 Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), kall.braga@ufrpe.br .
- 3 Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (FALE/UFAL) – AL, cristinafelipeto@fale.ufal.br .

uma MP por 55 palavras, em média. Nos MFR, a média foi de uma MP para cada cinco palavras. Quanto aos tipos, apenas ocorreram letra maiúscula e ponto final nos MBR, enquanto nos MFR foram identificados cinco tipos de MP: letra maiúscula, vírgula, travessão, ponto de interrogação e ponto final. Quanto à posição, nos MBR a letra maiúscula e o ponto final delimitam o início e o fechamento da história. Nos MFR as MP ocorreram tanto nos limites externos dos manuscritos, quanto internamente. Essas diferenças indicam que a aprendizagem inicial de MP da frase parece estar associada à prática docente, abordagem didático-curricular, métodos e materiais didáticos com os quais os alunos interagem.

**Palavras-chave:** Aprendizagem, Pontuação, Vírgula, Método de ensino, Manuscrito Escolar.

## INTRODUÇÃO

Estudos sobre as ocorrências de marcas de pontuação em textos escolares escritos por alunos brasileiros e franceses recém-alfabetizados (6 e 7 anos de idade) são em pequeno número. Dentre eles, envolvendo alunos brasileiros, podemos destacar Capistrano e Notari (2017), Chacon (2003), Ferreiro (1996), Silva (2010) e Vieira (2012), embora nenhum deles apresente dados com alunos dessa faixa etária, isto é, alunos que estão produzindo seus primeiros textos no 1º ano do Ensino Fundamental. Do lado francês, o estudo recente de Arseneau (2020) apresenta uma revisão sistemática de trabalhos sobre o desenvolvimento da pontuação, publicados entre 1989 e 2018. Em seu artigo, a autora analisa 15 estudos com estudantes francófonos de 6-16 anos de idade, mas apenas três deles (CHANQUOY; FAYOL, 1995; FAVART; PASSERAULT, 2000; FAYOL, 1989) discutem a presença de marcas de pontuação nas escritas de alunos do *Cours Préparatoire*, correspondente ao 1º ano do Ensino Fundamental brasileiro.

Nosso estudo, de cunho comparativo, pretende analisar as ocorrências de marcas de pontuação inscritas em manuscritos escolares de alunos brasileiros e franceses, recém-alfabetizados, produzidos a partir de uma mesma situação didática. Pretendemos identificar semelhanças e/ou diferenças nas ocorrências de marcas de pontuação e se há indícios de interferência de aspectos relacionados aos processos de ensino (LIBÂNEO, 2013).

## PANORAMA SOBRE AS OCORRÊNCIAS INICIAIS DE MARCAS DE PONTUAÇÃO

Apesar de não haver grande número de investigações sobre ocorrências de marcas de pontuação (MP), em textos escritos por alunos de 6 anos, na literatura científica brasileira e francesa, há entre eles um componente metodológico hegemônico: as investigações analisam as MP inscritas nos produtos escritos pelos alunos, isto é, na folha de papel entregue pelo aluno ao professor/pesquisador. A partir desses produtos, caracterizados por Calil (2008) como “manuscrito escolar”, os pesquisadores quantificam e/ou qualificam os tipos de MP identificadas, interpretando semelhanças e diferenças entre as ocorrências dessas marcas, seus usos e suas funções. Dentre os principais aspectos

observados, os estudos sobre as MP, em manuscritos escolares de alunos de 6 e 7 anos de idade, indicam:

- Nenhuma ocorrência de MP.
- Usos de letra maiúscula e ponto final marcando o início e o fim da produção textual.
- Predominância de usos não convencionais de letras maiúsculas e pontos finais.
- Pouca presença de usos internos de MP.
- Uso de conectores (e, então, daí...) em posições que poderiam ser ocupadas por MP.

Evidentemente, esses aspectos indicam que os usos de MP por alunos dessa faixa etária e escolaridade estão ainda distantes de uma compreensão linguística de suas funções. Segundo Hall (2009), o caminho desenvolvimental para a aprendizagem da pontuação poderia ser caracterizado por três momentos:

- “Resistência à pontuação”: persistente e generalizada ausência de pontuação, sendo a criança capaz de ler seus escritos com entonação, mesmo que ela não tenha usado MP.
- “Pontuação gráfica”: distribuição e posicionamento de MP segundo critérios gráfico-espaciais. A principal característica desses critérios é seu caráter não linguístico. Em um primeiro momento, as crianças adicionam pontos finais nos finais de linhas ou ao final do texto escrito, ou ainda iniciam a primeira frase do texto com letra maiúscula. Em um segundo momento, as crianças pontuam internamente seus escritos e suas justificativas relacionam essas MP ao comprimento das unidades linguísticas, à quantidade de MP já feitas e à sua distribuição ao longo da peça escrita. É comum, nesse momento, as MP serem inseridas após o texto ter sido escrito pelo aluno.
- “Pontuação linguística”: inicialmente, as crianças passam a considerar determinados elementos linguísticos (p. ex. o conectivo “e”, “então”) e aspectos prosódicos relacionados a certas unidades semânticas. Em seguida, surgem usos vinculados a princípios gramaticais, enriquecidos com os conhecimentos linguísticos e metalinguísticos dos termos técnicos e funções das MP.

Segundo o autor, ainda que seja possível caracterizar esses três momentos, a aprendizagem da pontuação não ocorre de forma linear ou homogênea. Hall afirma que

[...] há enormes diferenças entre as crianças, entre as escolas, entre as formas de compreender os conceitos associados à pontuação, considerável incerteza sobre a pontuação, e que algumas práticas de ensino podem estar contribuindo para mascarar os verdadeiros níveis de conhecimento e compreensão das crianças (2005, p. 3).

É preciso ressaltar que o percurso desenvolvimental parece estar inicialmente associado aos aspectos socioculturais relacionados ao acesso do aluno a materiais impressos (sobretudo aqueles vinculados à literacia escolar, como os livros didáticos e tarefas de sala de aula), à abordagem didático-curricular determinada pela escola e ao gênero textual prevalente na sala de aula.

Considerando essas observações, comparar as ocorrências de MP em manuscritos escolares de alunos da mesma idade e recém-alfabetizados, produzindo seus primeiros textos narrativos, pode nos ajudar a entender como as dimensões socioculturais e didáticas interferem na aprendizagem da pontuação.

## **METODOLOGIA**

O material de análise selecionado para esse estudo faz parte do banco de dados Práticas de Textualização na Escola, acervo pertencente ao Laboratório do Manuscrito Escolar. Participaram do estudo alunos de 6 anos de idade, de duas salas de aula, uma brasileira e outra francesa.

No Brasil, os dados foram coletados entre os meses de agosto e novembro de 2013, em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. Os alunos estudavam em uma escola particular, na cidade de Maceió, atendendo à população socioeconomicamente favorecida, com acesso aos bens de consumo e bens culturais, cujos pais, em sua maioria, possuíam formação universitária e eram profissionais liberais ou funcionários públicos.

A escola brasileira adotava uma proposta curricular de base construtivista, conforme assumida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL, 1997), documento curricular oficial à época. Durante o processo de alfabetização, a prática docente considerava as hipóteses das crianças, descritas por Ferreiro e Teberosky (1985). Nos anos iniciais do Ensino Fundamental valorizava-se o trabalho com gêneros textuais, tendo como apoio o livro didático “Aprender Juntos” (JÚLIO, 2013). Foram propostas pela professora seis tarefas de produção textual para os 16 alunos da turma. Em cada proposta, eles deveriam combinar e escrever, em duplas, uma história inventada. Seleccionamos os seis manuscritos escolares (ME) produzidos por uma única dupla, A e L, ambas alunas com seis anos e três meses de idade<sup>4</sup>. Elas escreveram as seguintes histórias:

Código	Título	Data
EBR001 <sup>5</sup>	O Rei Malvado	08/08/2013
EBR002	Fadas Mágicas	13/09/2013
EBR003	Chapeuzinho Vermelho e o Homem Aranha contra o Lobo Mau	20/09/2013
EBR004	Branca de Neve no tempo dos dinossauros	18/10/2013
EBR005	O cachorrinho perdido	25/10/2013
EBR006	Os três coelhinhos	22/11/2013

**Quadro 1** – Manuscritos escolares da dupla brasileira

**Fonte:** Laboratório do Manuscrito Escolar (2013).

Na França, os dados foram coletados entre os meses de março e abril de 2014, em uma sala de aula do *Cours Préparatoire* (CP) de uma escola pública, situada no subúrbio parisiense, atendendo a famílias com indicadores socioeconômicos semelhantes às famílias dos alunos brasileiros de classe média, participantes desse estudo<sup>6</sup>.

4 Os materiais coletados nas escolas brasileira e francesa pertencem ao banco de dados Prática de Textualização na Escola – PTE, sediado no Laboratório do Manuscrito Escolar – LAME, da Universidade Federal de Alagoas. A coleta que compôs o dossiê da escola brasileira foi autorizada pelo CEP/CONEP (CAAE:59824616.1.0000.5013).

5 Código indica: EBR (Escola Brasileira) e 001 (número do manuscrito)

6 Como indicado, o dossiê da escola francesa, formado em colaboração com a professora Catherine Boré, financiado pela *Inspection Académique du Val d’Oise*, também faz parte

Os 23 alunos franceses haviam sido recentemente alfabetizados. Porém, diferentemente dos alunos brasileiros, a professora os alfabetizou através do método fônico, conforme consta nos materiais didáticos oferecidos aos alunos (DEGORCE-DUMAS; TRÉSALLET, 2000; GOASDOUÉ; COURTIES; SABATHIÉ, 2000). Durante aqueles dois meses, a professora francesa propôs seis tarefas de produção colaborativa de histórias inventadas, uma vez por semana, organizando seus alunos em duplas, e seguindo as mesmas instruções dadas pela professora brasileira. Analisaremos os seis manuscritos escolares franceses de uma única dupla formada por duas meninas: I e M, a primeira com seis anos e oito meses e a segunda como seis anos e onze meses.

Código	Título	Data
EFR001 <sup>7</sup>	[Sem título]	03/03/2014
EFR002	[Sem título]	10/03/2014
EFR003	Le chien et sa famille	17/03/2014
EFR004	La princesse et le méchant roi	24/03/2014
EFR005	[Sem título]	31/03/2014
EFR006	Le petit Chap[e]ron rouge	07/04/2014

**Quadro 2** – Manuscritos escolares da dupla francesa

**Fonte:** Laboratório do Manuscrito Escolar (2014).

Conforme proposto por Catach (1996) e descrito por Bechara (2009), as MP se organizam dentro de um sistema multidimensional, composto por três domínios:

- Domínio da palavra: espaços em branco, maiúsculas iniciais, ponto abreviativo, traço de união, hífen ou traço de separação, apóstrofo, sublinhado, itálico.
- Domínio da frase: letra maiúscula, vírgula, ponto e vírgula, ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação,

do acervo PTE. Agradecemos imensamente à direção da escola, à professora e aos alunos, por terem aceitado o desenvolvimento desse estudo. A coleta desse material foi autorizada pelo CEP/CONEP (CAAE: 61330816.0.0000.5013).

7 Código indica: EFR (Escola Francesa) e 001 (número do manuscrito)

reticências, dois pontos, aspas, travessão, parênteses, colchetes, chaves.

- Domínio do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres, disposição dos capítulos e confecção do livro.

Dado os objetivos desse artigo, nosso estudo comparativo sobre esse conjunto de 12 manuscritos escolares terá como objeto textual de análise as 13 MP que delimitam a frase gráfica (letra maiúscula, ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências, dois pontos, aspas, travessão, parênteses, colchetes, chaves) e que separam grupos de palavras na frase gráfica (vírgula e ponto e vírgula).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela abaixo apresenta os resultados gerais das ocorrências de MP no domínio da frase. Das 13 MP pertencentes a esse domínio, foram identificadas apenas cinco nos 12 manuscritos analisados:

Tarefa	001		002		003		004		005		006		Total	
Manuscrito escolar	BR	FR	BR	FR	BR	FR	BR	FR	BR	FR	BR	FR	BR	FR
Palavras	63	28	129	13	149	56	157	64	174	31	161	76	833	268
1. Maiúscula <sup>8</sup>	2	1	1	1	1	2	1	1	2	1	1	2	8	8
2. Ponto final	1	2	0	1	3	1	1	4	1	1	1	5	7	14
3. Vírgula	0	4	0	0	0	0	0	8	0	0	0	12	0	24
4. Interrogação	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
5. Travessão	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
<b>MP</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>13</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>22</b>	<b>15</b>	<b>48</b>

**Tabela 1** – MP nos manuscritos escolares brasileiros (BR) e franceses (FR)

**Fonte:** Laboratório do Manuscrito Escolar (2022).

8 Não foram consideradas as letras maiúsculas em nomes próprios escritos no meio de frases.

Alguns aspectos podem ser observados, a partir desse levantamento. O primeiro a ser destacado diz respeito à relação entre quantidade de palavras e quantidade de MP. No total, foram 833 palavras para 15 MP nos ME das alunas brasileiras (em média, uma MP para cada 55 palavras). As alunas francesas escreveram ME com bem menos palavras (268 ao todo), porém mais do que o triplo de ocorrências de MP (48), ou seja, uma MP para cada 5 palavras, em média.

Também se destaca o fato de que nos ME brasileiros ocorreram apenas dois tipos de MP, marcando os pontos externos do ME: letra maiúscula no título e/ou na primeira frase e, sempre, o ponto final após a última palavra escrita na história inventada. Nos ME franceses, foram feitos cinco tipos de MP, inscritos no início (letra maiúscula) e no fim da história (ponto final), e distribuídas no interior do manuscrito, com ocorrência, inclusive, de grande quantidade de vírgulas (24) e pontuação enunciativa (travessão e ponto de interrogação) no último ME.

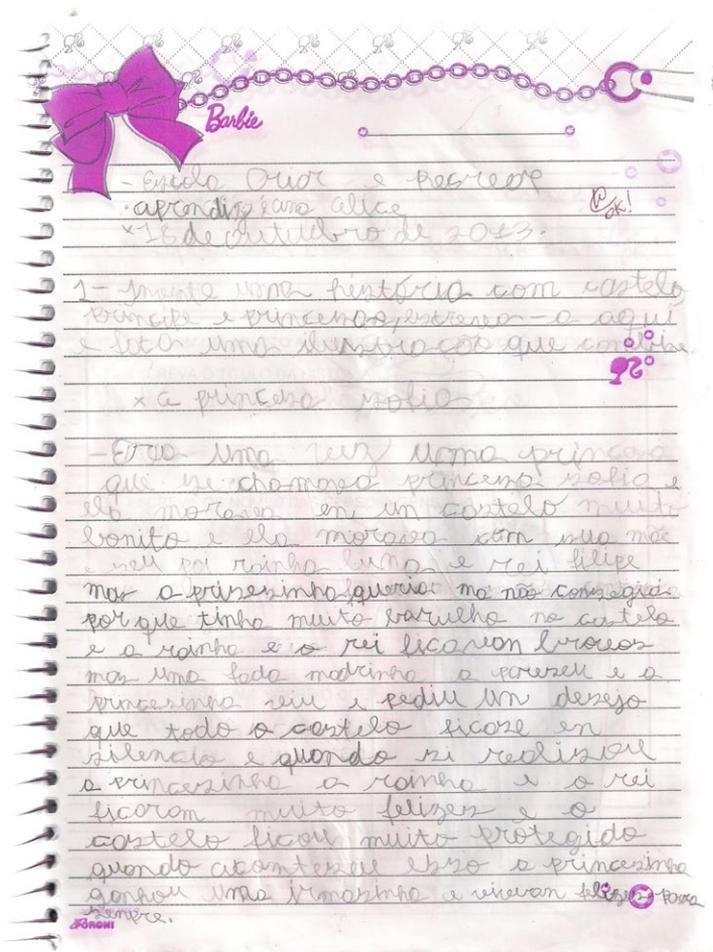
O contraste entre o número de palavras e a quantidade e tipos de MP nos ME de cada dupla parece estar relacionado, ao menos em parte, à própria diferença no tratamento didático dado aos conteúdos de ensino.

No Brasil, como pode ser observado no material didático trabalhado junto aos alunos e em seus cadernos de tarefas escolares, os exercícios estão associados às propriedades textuais de poemas, trava-línguas, parlendas, adivinhas, bilhetes, convites, receitas, contos de fadas. E muitas atividades propõem a escrita de listas (de palavras, de títulos, de versos, de nomes próprios) ou cópias desses pequenos textos:

- Escreva os nomes dos alunos da sala de aula.
- Escreva os títulos de histórias ou de poemas.
- Escreva os símbolos da Páscoa.
- Escreva os nomes dos personagens da história.
- Identifique os nomes das pessoas que aparecem no poema.
- Escreva sobre o que fala a história ouvida.
- Copie e ilustre o trava-língua, adivinha, a parlenda ou o poema.
- Escreva o nome do papai, da mamãe, seu endereço e telefone.
- Identifique palavras que rimam ou se repetem em poemas.
- Escreva o nome do autor do poema ou da história.
- Escreva a parte da história que mais gostou.

Ao longo do ano escolar até o início das tarefas de produção textual que geraram os manuscritos escolares analisados, as alunas escutaram ou leram, aproximadamente, 50 narrativas ficcionais, dentre elas, contos de fada, contos modernos, mitos e lendas.

Nas tarefas feitas pelos alunos, registradas em seus cadernos, não há correções feitas pela professora. Em quase todas, há apenas a marca de um “visto”, com a rubrica da professora, seguido de “OK”:



**Figura 1** – Escola CR, 1º ano, manuscrito de A, 18 de outubro de 2013.

<https://1drv.ms/u/s!AuUyuvPIDly2kf5gleSLBdWA2HQHog?e=pkxMqP>

**Fonte:** Laboratório do Manuscrito Escolar (2013).

O fato de a professora não fazer qualquer tipo de intervenção, seja nessa ou em qualquer outra tarefa de seus alunos, sugere que ela aceita os diversos problemas comuns dessa faixa etária, estabelecendo um contrato didático com seus alunos característico de práticas didáticas construtivistas. Na tarefa acima, por exemplo, não há nenhuma indicação gráfica de que a professora tenha feito alguma correção ou marcado algum problema gráfico, ortográfico ou de pontuação na história “A princesa Sofia”, inventada por A.

A referência explícita às MP “letra maiúscula” e “ponto final” aparece nas páginas finais do livro didático “Aprender Juntos”.

**Explorando a escrita** 08/11/13

**Anúncio**

É dia, é dia, é dia.  
 É hora, é hora, é hora.  
 Curse a dona Maria.  
 Curse a dona Dora.  
 Vai chegar na cidade  
 um circo bem doidão.  
 Os artistas aplaudem a graça  
 e o público é atração.

1 Observe as letras maiúsculas destacadas no poema e responda.

- Por que as letras em vermelho estão escritas em maiúscula?  
*Porque iniciam as frases.*
- Observe as letras em azul. Por que será que também foram escritas em letra maiúscula?  
*Porque iniciam nome de pessoas.*

116 cento e dezesseis

2 No final de alguns versos há o sinal (.), que é chamado de ponto final. Para que é usado esse tipo de sinal? Converse com os colegas e com o professor.

3 Dois versos do poema não começam com letra maiúscula. Veja onde essas frases começam e circule-as.

4 Complete os versos com as letras maiúsculas ou minúsculas que estão faltando.

Otorei o pau no gato, to.  
 Mas o gato, to  
 não morreu, rei, rei.  
 Dona Chica, ca  
 admirou-se, se  
 com o bovio  
 com o bovio  
 que o gato deu  
 Mau!!!

cento e dezessete 117

Figura 2 – “Aprender Juntos”, letra maiúscula e ponto final.

<https://1drv.ms/b/s!AuUyuvPIDIY2kf5k80hbl0LPawIxEw?e=NodyTf>

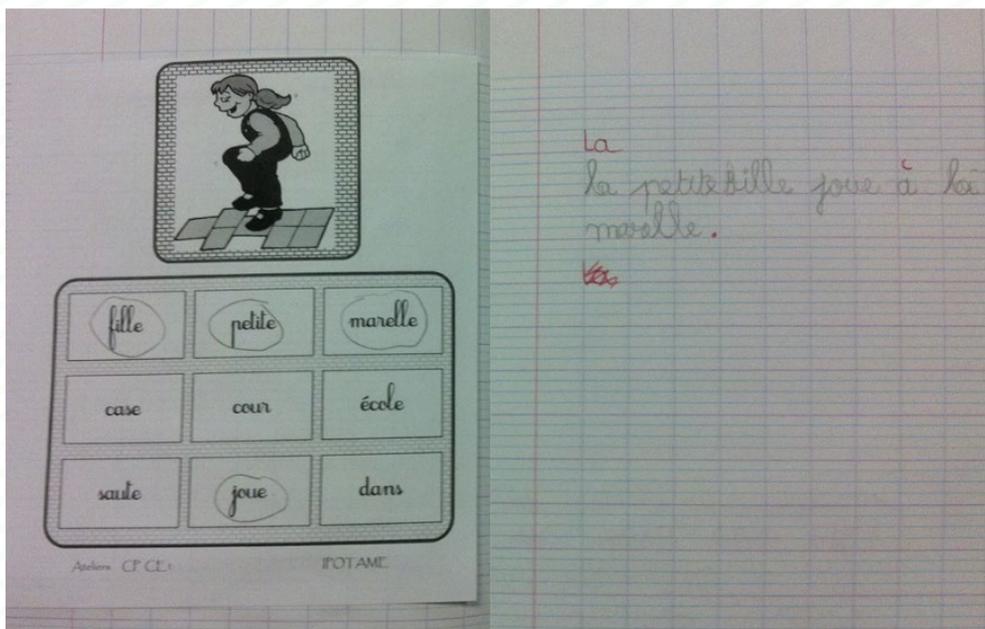
Fonte: Livro didático “Aprender Juntos”, 1º ano, p. 116-117. (JÚLIO, 2013).

Como consta registrado no livro didático da aluna A, a tarefa foi feita no dia 08 de novembro de 2013. O livro didático chama a atenção para essas MP, destacando-as e nomeando-as, a partir de sua presença em dois poemas. Até então, somente a letra maiúscula havia sido trabalhada com os alunos, quando a professora ensinou o alfabeto em

letra cursiva maiúscula e em nomes de pessoas, mas não associada à marca de início de frase. Em relação ao ponto final, apesar das alunas terem usado essa MP desde suas primeiras histórias inventadas, não houve trabalho didático específico sobre ela.

Na França, as tarefas escolares dos alunos e os materiais didáticos expõem aspectos bastante diferentes daqueles identificados nas tarefas e materiais dos alunos da sala de aula brasileira. Desde o início da entrada da criança na escola, mesmo no ano escolar anterior ao *Cours Préparatoire*, o trabalho de alfabetização tem início valorizando a consciência fonológica e a memorização de fonemas. No livro didático *30 phonèmes en 30 comptines* (DEGORCE-DUMAS; TRESALLET, 2000), isso é ensinado através de cantigas infantis (*comptines*). No livro didático *Justine et Compagnie* (GOASDOUÉ; COURTIES; SABATHIÉ, 2000), essa abordagem tem continuidade, oferecendo aos alunos a análise de sílabas e palavras e a produção de frases curtas e pequenos textos. Em seus “cadernos de escritores” (*Mon cahier d’écrivain*) há muitas tarefas fotocopiadas, recortadas e coladas, retiradas de sites da internet<sup>9</sup>. A imagem abaixo ilustra uma dessas tarefas e o modo como a professora intervia nos cadernos dos alunos.

9 Um dos sites que se pode ter acesso à tarefa indicada é [https://ecole-la-grive-bourgoin-jallieu.web.ac-grenoble.fr/sites/default/files/media-fichiers/2020-04/correction\\_production\\_decrit\\_4.pdf](https://ecole-la-grive-bourgoin-jallieu.web.ac-grenoble.fr/sites/default/files/media-fichiers/2020-04/correction_production_decrit_4.pdf). Outro material também usado pela professora foi o Petits Pas (L Pinault), cujo site foi desativado, mas alguns exercícios podem ser encontrados em: <http://cbartolo2.free.fr/ecrire/tmp/upload/6/SONS/lecture%20orale.pdf>



**Figura 3** – Escola LC, CP, *Mon cahier d'écrivain*, tarefa do aluno AL, 10 de fevereiro de 2014.

<https://1drv.ms/b/s!AuUyuvPLDIY2kf5lqskKsDDOud9t3Q?e=E7qBDh>

**Fonte:** Laboratório do Manuscrito Escolar (2014).

Como geralmente fazia em todas as tarefas de todos os alunos, a professora marcava com caneta vermelha alguns erros feitos por eles. Essa prática não parece haver na escola brasileira, de base curricular construtivista. A professora francesa fez três intervenções gráficas nessa tarefa em que o aluno deveria fazer uma frase a partir das palavras indicadas<sup>10</sup>. Marcou o erro no uso da letra maiúscula no início da frase, o erro da crase e colocou o ponto final na frase escrita pela aluna: “A menina brinca de amarelinha” (*La petite fille joue à la marelle*). O destaque dado ao ensino da pontuação também está presente no material didático francês, na coleção didática *Justine et Compagnie*,

10 De acordo com a tarefa proposta, disponível no site da escola primária La Grive-Bourgoin Jallieu indicado acima, há duas frases sugeridas: “La petite fille joue à la marelle dans la cour de l'école.”, “La petite fille saute dans les cases de la marelle dans la cour de l'école.”. Nos cadernos dos alunos franceses há várias tarefas do mesmo tipo, isto é, palavras misturadas e uma imagem ilustrando uma cena que poderia ser escrita em uma frase, a partir das palavras pré-selecionadas.

apresentando tanto no livro de leitura, quanto no caderno de exercícios, o ponto de exclamação, logo nas páginas iniciais, e o ponto de interrogação, algumas páginas depois.

2 Le point d'exclamation.



Justine et compagnie, livre 2, p. 11.

2 Le point d'interrogation.



Justine et compagnie, livre 2, p. 23.

**Figura 4** – Exercícios extraídos da coleção didática *Justine et Compagnie*, livro 2

<https://1drv.ms/b/s!AuUyuvPIDIY2kf5mJYgg-cp-ZrbqSg?e=2GkOMN>

**Fonte:** GOASDOUÉ; COURTIES; SABATHIÉ, 2000a, p. 11 e 23.

1 Entoure les points d'exclamation. .... 

Quelle heure est-il ? Pistache chante joyeusement.  
« Je meurs de faim ! » « Tu as vu ? » dit Bob.  
Le soleil brille, quelle belle journée !

Justine et compagnie, Cahier d'exercices, p. 7.

1 Entoure les points d'interrogation. .... 

Qui a volé le petit déjeuner ? Tu n'aimes pas les chiens.  
Où est l'écuelle ? Que mange Bob ?  
Le déjeuner a disparu ! Le déjeuner a-t-il disparu ?

Justine et compagnie, Cahier d'exercices, p. 20.

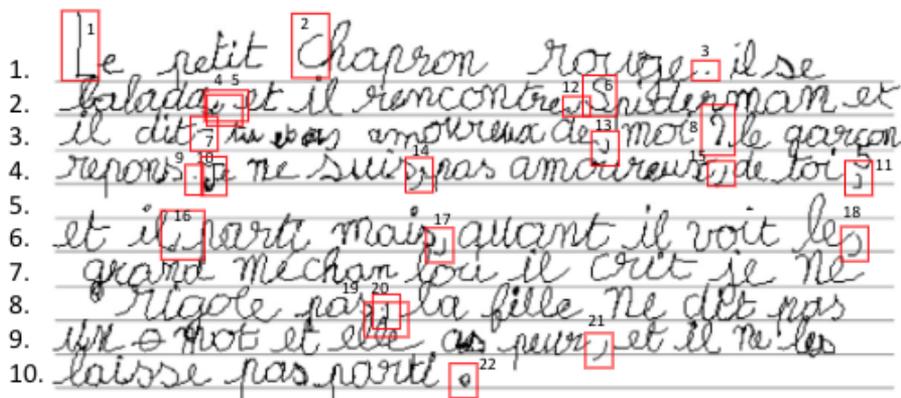
**Figura 5** – Exercícios extraídos da coleção didática *Justine et Compagnie*, caderno de exercícios.

<https://1drv.ms/b/s!AuUyuvPIDIY2kf5nOuXjLxbh-hgTqg?e=C2Zxc5>

**Fonte:** GOASDOUÉ; COURTIES; SABATHIÉ, 2000b, p. 7 e 20.

Retornando para a análise dos ME dessas duas duplas, o único ponto em comum está na presença de letra maiúscula no início da história e do ponto final, marcando seu término. Isso, de certa forma, confirma o que Ferreiro (1996) e Hall (2005) indicaram sobre a aprendizagem das primeiras MP: alunos dessa faixa etária, recém-alfabetizados, tendem a pontuar inicialmente os extremos das narrativas ficcionais produzidas. Em relação às diferenças, além daquelas já apontadas (quantidade e tipos de MP), podemos ainda destacar as ocorrências de MP inscritas pela dupla francesa no interior da última história inventada:

## M6, 22 MP



**Figura 6** – Escola LC, CP, manuscrito escolar “Le petit Chap(e)ron rouge”, escrito por I e M, 07 de abril de 2014.

<https://1drv.ms/b/s!AuUyuvPLDIY2kf5pbktUACnrFbqbnQ?e=kuhZIK>

**Fonte:** Laboratório do Manuscrito Escolar (2014).

As 12 vírgulas inscritas nesse manuscrito não serão discutidas nesse momento. Um estudo aprofundado sobre suas ocorrências durante o processo de produção textual em tempo real foi publicado em Calil (2022), explicando o caráter quase aleatório e bastante imprevisível de suas inscrições. Essas vírgulas podem inclusive ser classificadas como “pontuação gráfica”, quando a MP não tem qualquer relação com sua função linguística. O mesmo não ocorre com as outras MP no interior desse ME. Temos: três pontos, um travessão, uma letra maiúscula no início de frase<sup>11</sup>, um ponto de interrogação.

11 Há também duas letras maiúsculas nos nomes próprios “Chap(e)ron” (linha 1) e “Spiderman” (linha 2) que não serão consideradas porque não fazem parte da pontuação da frase, mas sim da pontuação da palavra.

O ponto final emerge em três posições. Na linha 1, fechando a frase gráfica caracterizada pelo título: “A chapeuzinho vermelho.” Na linha 4, na posição de um sinal de dois pontos, fechando a frase gráfica (“o menino responde.”). E a terceira ocorrência, “eu não estou brincando.” (linha 8), concorrendo com a inscrição de uma vírgula, onde uma MP parece rasurar a outra, delimita o final da fala do personagem. O travessão, inscrito na linha 3, também cumpre sua função linguística, introduzindo a fala do menino, assim como o ponto de interrogação, linha 3, fechando a pergunta desse personagem: “Você está apaixonado de mim?”. Tudo isso indica que as alunas francesas, ainda com 6 anos de idade, começam a se apropriar dessas MP pertencentes ao domínio da frase, ausentes nos ME das alunas brasileiras, aproximando uso e função linguísticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que foi exposto acima, parece que, para se compreender o percurso desenvolvimental relacionado à aprendizagem da pontuação, não se pode excluir o contexto de ensino e o que se passa na sala de aula. Comparar apenas duas duplas de aluna, uma de cada país, não permite qualquer tipo de generalização, como supor que o mesmo ocorreu com os outros alunos de cada sala de aula. Entretanto, se considerarmos que as duas duplas de alunas, brasileira e francesa, têm a mesma idade, cursam o mesmo ano escolar, acabaram de ser alfabetizadas e estão produzindo suas primeiras histórias inventadas, a partir das mesmas instruções didáticas, as diferenças entre a quantidade de palavras escritas por ME, as ocorrências e posições de MP sugerem haver estreita relação com a prática docente, o contrato didático entre as professoras e os alunos, e com o método e materiais adotados e oferecidos aos alunos durante seus processos de alfabetização.

Ao compararmos os materiais didáticos e as práticas didáticas do Brasil e da França, e o modo como as duas professoras interferem nas tarefas escolares de seus respectivos alunos e alunas, fica difícil negar os possíveis efeitos no processo de aprendizagem das alunas, ainda que pertençam a culturas e contextos sócio-históricos tão distintos. Isso indica que a construção de conhecimento está inexoravelmente vinculada aos conteúdos de ensino, aos contextos de aprendizagem e as práticas de letramento escolar. Em relação às MP, do lado brasileiro,

esse conteúdo de ensino não ganha destaque nos materiais e tarefas, enquanto na sala de aula francesa, além da ênfase dada aos usos de letra maiúscula e de ponto final, também se exemplifica como se usa o ponto de exclamação e o ponto de interrogação, como vimos nas figuras 4 e 5.

As diferenças entre as MP nos ME das alunas brasileiras e francesas devem ser aprofundadas em estudos futuros, com a comparação de todos os ME produzidos por todos os alunos de cada sala de aula. Entretanto, esses resultados iniciais não deixam de nos interrogar sobre o ensino de MP nesse momento de aprendizagem da língua escrita: Deve-se valorizar o ensino de diferentes gêneros textuais, deixando em segundo plano os conteúdos relacionados à pontuação da frase ou, ao invés disso, deve-se eleger a frase como unidade de ensino e destacando as MP da frase? Deve-se propor tarefas de produção textual, deixando o aluno do 1º ano escrever histórias inteiras, longas, sem intervenções e correções sobre os problemas de MP no manuscrito escolar ou seria mais indicado, do ponto de vista didático, restringir a produção textual a escrita de frases, interferindo diretamente sobre MP erradas ou ausentes?

## REFERÊNCIAS

ARSENEAU, R. Comment la ponctuation se développe-t-elle chez les élèves? Une revue systématique des recherches empiriques en classe de français langue d'enseignement. **Bellaterra Journal of Teaching & Learning Language & Literature**, v. 13, n. 3, p. 1-20, ago-set 2020. Disponível em: <https://revistes.uab.cat/jtl3/article/view/v13-n3-arseneau> . Acesso em: 14 abr. 2021.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Volume 2. 1ª a 4ª séries. Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental. Ministério da Educação, Brasília (DF), 1997/1998.

CALIL, E. **Escutar o invisível**: escritura & poesia na sala de aula. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

CALIL, E. Gênese de vírgulas em histórias inventadas por alunas recém-alfabetizadas: identificação de atividades metalinguísticas a partir de inscrições gráficas e comentários espontâneo. **Revista ALFA**, no prelo, 2022, Unesp.

CAPRISTANO, C. C.; NOTARI, V. F. O registro do hífen na aquisição da escrita. **Calidoscópico**, v. 15, n. 1, p. 81-93, jan/abr 2017. Unisinos.

CATACH, N. **La ponctuation (Histoire et système)**. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

CHACON, L. Oralidade e letramento na construção da pontuação. **Revista Letras**, v. 61, n. Especial, p. 97-122, 2003, Curitiba: Editora UFPR.

CHANQUOY, L.; FAYOL, M. Analyse de l'évolution et de l'utilisation de la ponctuation et des connecteurs dans deux types de texte. Étude longitudinale du CP au CE2. **Enfance**, n. 2, p. 227-241, 1995. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/enfan\\_0013-7545\\_1995\\_num\\_48\\_2\\_2132](https://www.persee.fr/doc/enfan_0013-7545_1995_num_48_2_2132) . Acesso em: jan. 2020.

DEGORCE-DUMAS, M.; TRESALLET, E. **30 phonèmes en 30 comptines: GS-CP**. Paris: Retz, 2000.

FAVART, M.; PASSERAULT, J.-M. Aspects fonctionnels du point et de la virgule dans l'évolution de la planification du récit écrit. **Enfance**, n. 2, p. 187-205, 2000. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/enfan\\_0013-7545\\_2000\\_num\\_53\\_2\\_3176](https://www.persee.fr/doc/enfan_0013-7545_2000_num_53_2_3176) . Acesso em: jun. 2018.

FAYOL, M. Une approche psycholinguistique de la ponctuation. Étude en production et en compréhension. **Langue française**, n. 81, p. 21-39, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.3406/lfr.1989.4767>. Acesso em: jun. 2019.

FERREIRO, E. Os limites do discurso: pontuação e organização textual. *In*: MOREIRA, Nadja R. (org.) **Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever: estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas**. São Paulo: Ática, 1996, p. 123-156.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GOASDOUÉ, Y.; COURTIES, I.; SABATHIÉ, L. **Justine et Compagnie**. Livre 2. Paris: Editions Belin, 2000a.

GOASDOUÉ, Y.; COURTIES, I.; SABATHIÉ, L. **Justine et Compagnie**. Cahiers d'exercices. Paris: Editions Belin, 2000b.

HALL, N. The development of punctuation knowledge in children aged seven to eleven. **ESRC Full Research Report**, R000238348. Swindon: ESRC, 2005.

HALL, N. Developing an understanding of punctuation. *In*: BEARD, R.; MYHILL, D.; NYSTRAND, M.; RILEY, J. (ed.). **The Sage Handbook of Writing Development**. United Kingdom: SAGE Publications Ltd, 2009, cap. 18, p. 271-283.

JÚLIO, S. R. **Aprender Juntos**, 1º ano, Língua Portuguesa. São Paulo: Editora SM, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, A. da. A aprendizagem da pontuação por alunos dos anos iniciais do ensino fundamental: uma análise a partir da produção de diferentes gêneros textuais. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, n. 35, p. 139-169, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n35/05.pdf>. Acesso em: abr. 2020.

VIEIRA, I. L. Aquisição da escrita: o que as crianças sabem sobre a pontuação que usam. **Revista de Letras**, v. 1/2, n. 31, p. 17-24, jan./dez. 2012. Disponível em: [http://www.revistadeletras.ufc.br/revista30\\_arquivos/04\\_Artigo%202\\_Rev\\_Letras\\_31\\_1\\_2\\_2\\_0123.pdf](http://www.revistadeletras.ufc.br/revista30_arquivos/04_Artigo%202_Rev_Letras_31_1_2_2_0123.pdf). Acesso: set. 2020.